

## agrocombustíveis

## A expansão canavieira no Brasil

AGROCOMBUSTÍVEIS Crescimento do monocultivo multiplica casos de trabalho escravo e até de febre amarela

Maria Luisa Mendonça e Marluce Melo

A SAFRA da cana, em 2005, foi de 386 milhões de toneladas. Previsões do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, em 2008, o Brasil deverá produzir cerca de 561 milhões de toneladas de cana. Neste ano, estima-se que a safra da cana terá um aumento de 9,3% em relação a 2007. Esse índice representa um crescimento bem maior do que o estimado para o milho, de 5,5%, e para a soja, de 2%.

O crescimento se deve, em boa parte, à propaganda sobre os supostos benefícios dos agrocombustíveis para conter o aquecimento global. A agroenergia é erroneamente apresentada como limpa e renovável. Porém, na medida em que verificamos a expansão da indústria da cana, aumentam também seus impactos negativos, que têm como eixos principais a destruição do meio ambiente e de comunidades rurais, camponesas, indígenas e quilombolas, a exploração dos trabalhadores e o aumento do preço da terra e dos alimentos. Apesar de distintos, esses fatores estão profundamente relacionados.

## Amazônia e Cerrado

Diversos fatos demonstram ainda que, ao contrário do que diz o governo, os monocultivos de cana se expandem para áreas de preservação ambiental como a Amazônia e o Cerrado. Recentes declarações do ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, sugerindo que o governo incluía a Amazônia e o Pantanal como áreas de expansão da cana em grande escala, estimulam esse processo, que já ocorre de forma acelerada.

Em outubro de 2007, um relatório do Programa de Meio Ambiente da ONU constatou que a produção de etanol ameaça o Cerrado. O documento alerta que o Brasil espera dobrar a produção de etanol, um biocombustível 'moderno', nas próximas duas décadas. O crescimento das fazendas coloca em risco regiões ecológicas inteiras, como o Cerrado. Outro estudo, elaborado pelo Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN), indica que, a cada ano, são destruídos mais de 20 mil quilômetros quadrados de vegetação no Cerrado. Tal destruição pode comprometer a maior parte dos rios brasileiros, que têm suas nascentes na região.

A monocultura da cana cresce também na Amazônia legal, nos Estados do Tocantins, Amazonas, Pará, Maranhão, Roraima e Rondônia. Entre 2004 e 2007, a região Norte registrou o maior índice de crescimento da produção de cana (veja tabela).

## Trabalho escravo

O Grupo Móvel de Combate ao Trabalho Escravo, do Ministério do Trabalho, tem

constatado irregularidades em usinas de etanol na Amazônia e no Cerrado. Em março de 2007, o Grupo de Fiscalização da Delegacia Regional do Trabalho em Mato Grosso do Sul resgatou 409 trabalhadores no canavial da usina de álcool Centro Oeste Iguatemi. Entre eles, havia um grupo de 150 índios.

Outro caso ocorreu na Usina Debrasa. No dia 13 de novembro de 2007, o Grupo Móvel, composto por Auditores Fiscais do Trabalho, Ministério Público do Trabalho (MPT) e Polícia Federal interditou a usina, que pertence à Companhia Brasileira de Açúcar e Álcool/Agrisul, em Brasília, município localizado a 400 quilômetros de Campo Grande (MS).

Em julho de 2007, fiscais do Ministério do Trabalho libertaram 1.108 trabalhadores que faziam a colheita da cana para a fazenda Págrisa (Pará Pastoral e Agrícola S.A.), no município de Ulianópolis (Pará), localizada a 390 km de Belém.

No Acre, o Ministério Público chegou a suspender a licença ambiental da Usina Álcool Verde por destruir sítios arqueológicos contendo geoglifos, (enormes estruturas geométricas construídas na antiguidade). Essa usina pretende produzir cana em cerca de 40 mil hectares. Para este ano, a previsão dos usineiros é produzir 3 milhões de toneladas de cana no Estado. No Maranhão, a Comanche Clean Energy, uma empresa de capital inglês e estadunidense, está construindo um pólo de produção de biodiesel e duas destilarias de álcool.

Há ainda projetos de novas usinas em Roraima e até no Amazonas, em regiões de floresta nativa, que começam a ser destruídas às margens da BR-174, onde há um projeto da empresa Jayoro, de cultivar cana em cerca de 60 mil hectares. Esta empresa já fornece açúcar para a Coca-Cola, que também utiliza o extrato de guaraná da região para produzir o refrigerante Kuat.

## Destruição das nascentes

Outra denúncia diz respeito à poluição de rios pela expansão das lavouras de cana. Em matéria publicada no jornal *Estado de Minas* no dia 25 de novembro de 2007, especialistas afirmam que "o crescimento de 58,31% na área destinada ao plantio de cana-de-açúcar no Centro-Oeste de Minas Gerais, onde estão as nascentes do São Francisco, põe em risco a vida no nascedouro do rio". Entre julho de 2006 e julho de 2007, a área de plantação de cana na região aumentou de 22.842 hectares para 33.876 hectares. As usinas pressionam o Congresso Nacional para liberar outros 50 mil hectares do Parque da Serra da Canastra para o monocultivo da cana. No Triângulo Mineiro, estima-se que 300 mil hectares de cana tenham substituído lavouras de alimentos.



Crescimento do plantio de cana põe em risco as nascentes do São Francisco

Em Pernambuco, o Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (Cepan) constatou também o assoreamento dos rios, o desmatamento e a destruição das matas ciliares, afirmando que "todos os grandes rios que cortam a Zona da Mata, bem como os afluentes menores, estão desprovidos de floresta ciliar". Mais de 95% da área de Mata Atlântica destruída no Nordeste está dominada pelas usinas de cana.

Um dos maiores crimes ambientais na região ocorreu em outubro de 2007, quando 5,8 milhões de litros de etanol vazaram de um dos tanques da Destilaria São Luiz, em Pernambuco, causando o deslocamento de comunidades locais, a destruição de mananciais do rio Pirangi e a morte de milhares de peixes. A empresa foi multada em R\$ 500 mil por poluir o meio ambiente e causar risco de incêndio.

Outro alerta partiu do Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Segundo estudos da entidade, dentro de 20 anos, 60% da população mundial não terá acesso à água potável em consequência do aumento da produção de agrocombustíveis.

## Febre amarela

No Centro-Oeste, há estudos que indicam que a des-

truição do Cerrado por hidroelétricas e pela expansão de monocultivos, como a cana, tenha gerado maior propagação da febre amarela em macacos.

"O Cerrado é uma região de expansão agropecuária, de crescimento das cidades e implementação de infra-estrutura. Então, há a redução dos ambientes naturais, o que pode adensar os animais e, com isso, ampliar a possibilidade de pro-

pagação de doenças entre eles", explica Reuber Brandão, professor de engenharia florestal da Universidade de Brasília (UnB) em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo* do dia 17 de janeiro. Apesar desses fatos, há 47 projetos de novas usinas de etanol somente nos Estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

## Evolução da produção canavieira

PRODUÇÃO (toneladas)	2004/2005	2005/2006	VAR.%	2006/2007	VAR.%
Centro-Oeste	27.199.622	26.284.137	+33%	35.929.208	-1%
Norte	484.442	670.395	+38%	858.072,00	+28%
Nordeste	48.348.017	59.524.573	+23%	48.869.386	-18%
Sul	23.155.885	28.579.611	+23%	24.866.884	-13%
Sudeste	193.862.577	234.256.843	+21%	276.060.837	+18%
TOTAL	293.050.543	359.315.559	+23%	386.584.387	+8%

Fonte: <http://www.dsr.inpe.br/canasat/tabelas.html>

## Sertão vai virar mar de cana?

Roberto Malvezzi

No Nordeste, a expansão da cana está atingindo o Sertão, algo inimaginável até pouco tempo atrás. Já se fala em fazer do Sertão "um mar de cana". Segundo nota da Agência Paulista de Tecnologias dos Agronegócios (APTA), do dia "somadas as áreas dos projetos Jaíba (norte de Minas), Baixio do Irecê e Salitre (norte da Bahia), Pontal e Canal do Sertão (oeste de Pernambuco) chega-se a uma oferta potencial de 224 mil hectares prontos para a produção de cana e de citros irrigados, sem contar as áreas tradicionais reservadas à fruticultura".

Utilizando-se o critério básico do tamanho dos lotes de terra irrigada para a agricultura camponesa, que varia entre dois e quatro hectares por família, pelo menos 45 mil famílias poderiam ser assentadas nessas

áreas destinadas à cana. Porém, com o projeto de transposição do rio São Francisco, pretende-se aproveitar as melhores manchas de solos do Semi-Árido para a monocultura irrigada.

Os investimentos para o agronegócio são estimados em R\$ 7 bilhões. Segundo a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), "nos últimos meses, a estatal tem se dedicado a promover *road shows* técnicos na região com investidores potenciais para mostrar o tamanho das áreas disponíveis para o plantio de cana e de citros, e as vantagens da produção irrigada. Os locais já foram visitados por executivos das *tradings* japonesas Mitsui e Itochu, da americana Cargill, da francesa Louis Dreyfus Commodities e das usinas brasileiras Coruripe (AL) e Monte Alegre (MG), além de dirigentes da União da Agroindústria Canavieira de

São Paulo (Unica). Todos estão interessados em produzir álcool para exportação".

Grandes empreiteiras como Odebrecht, Andrade Gutierrez e Queiroz Galvão também pretendem lucrar com os canais de irrigação. De acordo com esse projeto, numa região carente como o Semi-Árido, onde a insegurança hídrica e alimentar faz parte do cotidiano das populações, a prioridade no uso da água e dos solos férteis será a produção de etanol para exportação.

Apossando-se de terras há décadas nas mãos de comunidades tradicionais, repetindo o esquema de indenizar apenas algumas benfeitorias – casas pobres, cercas etc. –, o capital controla as melhores terras, como é o caso do Canal do Sertão, em Casa Nova (BA), pendendo para o alto sertão pernambucano, sem que essa aquisição lhe cause um ônus mais pesado.

Em seguida, por meio das outorgas, se apossam de volumes de água do rio São Francisco praticamente sem pagar por esse serviço.

O último Censo confirma que o Nordeste continua sendo a região com a maior presença de agricultores familiares. São eles quem produzem alimentos para a mesa dos nordestinos. A esmagadora maioria pratica a agricultura de sequeiro e a criação de pequenos animais. A prioridade do governo deveria ser implementar massivamente as tecnologias de convivência com o Semi-Árido, fortalecendo essa agricultura que, apesar de maltratada, está presente e resiste ao avanço do agronegócio. Os solos irrigáveis do Sertão, embora minoritários, deveriam ser entregues ao povo, não à cana irrigada para produzir etanol.

Roberto Malvezzi é assessor da Comissão Pastoral da Terra